

O PRAZER DE ENSINAR LITERATURA
THE PLEASURE TO TEACH LITERATURE

Eliane Maria de Oliveira Giacon(UEMS)

RESUMO: O presente artigo apresenta posições sobre o ensino de literatura, enquanto manifestação da leitura e da proximidade entre o texto e o leitor. O ensino da literatura passa pelo compromisso de professores em seres divulgadores de obras por meio de leituras em sala de aula e da discussão de textos. Percebe-se que o ensino perdeu a função de formar leitor e construir formas da leitura. O texto também apresenta formas de trabalhar o texto literário e de divulgá-lo para que ensino de literatura deixe de ser um processo de memorização e se torna um espaço de discussão. Percebe-se que pelo artigo, que do ensino de literatura depende a manutenção do sistema literário, pois sem o público é impossível dizer que há a efetivação da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: divulgação; leitura, ensino, literatura

ABSTRACT: This article presents positions on the teaching of literature while manifestation of reading and the proximity between the text and the reader. The teaching of literature through the appointment of teachers on beings disseminators works through readings in class and discussion of texts. Notice that the school lost the function of form reader and construct ways of reading. The text also presents ways of working the literary text and publish it for teaching literature is no longer a process of memorization and becomes an area of discussion. Notice that the article, that the teaching of literature depends on maintaining the literary system, because without the public it is impossible to say that the practice of literature.

KEYWORDS: disclosure; reading, education, literature

1 Introdução

No momento, em que fui convidada para escrever sobre ensino e literatura, senti-me um pouco deslocada, visto que a minha pesquisa centra-se em trabalhar com arquivos literários, contudo com o decorrer das leituras de enfrentamento para essa mesa de discussões, senti que o assunto não estava longe do meu trabalho, visto que somente podemos falar de arquivos e acervos de um autor, se houver a sua produção a ser validada pela leitura operacionalizada pelo público.

Ler não é simples, pois o ato de leitura consiste num entrelaçamento de diferentes funções, que abrigam ao longo de um texto a sobreposição de substratos, que vão fornecendo informações para que a leitura se torne um processo cognitivo, ideológico e afetivo. Toda leitura depende do prazer com que o leitor se aproxima e se envolve com o texto literário. O despertar do gosto pela leitura depende da intercomunicação entre os leitores, que ao apreciarem um determinado texto,

estarão construindo relações literárias. Das relações literárias fomentadas em sala de aula derivam os conceitos de literatura, que o aluno levará para sua vida.

Se o ensino de literatura for realizado pelo professor pela via do prazer de ler e pelo estudo da continuidade de conceitos e obras, pode-se dizer que, no decorrer da vida do estudante, ele encontrará sentido para relacionar a validade do texto literário em relação à realidade vivida. O ensino de literatura, no Ensino Fundamental, Médio e Universitário não pode ser uma forma de aquisição de conhecimento acumulativo, mas sim distributivo, visto que o saber seja teórico, da estrutura textual ou da crítica deve ser socializado entre um grupo de leitores. Nunca se aprende tudo, mas sempre se aprende aquilo que nos atrai pelo vínculo afetivo e pelas discussões promovidas suscitadas pelos textos literários.

Dessa forma a apresentação desse artigo se alicerça em quatro tópicos: ensino e literatura; a divulgação da leitura; o despertar para a leitura; literatura e leitura, que por suas posições tenta em linhas gerais demonstrar como é possível ter prazer em ensinar a literatura. O ensino dessa que parece apenas mais uma disciplina do Ensino Médio, não deve se restringir a acumular conhecimentos, mas sim a relacioná-los pela leitura de fruição.

2 Ensino de Literatura

A origem da palavra *literatura* remonta ao lexema latino *litteratura*, que deriva do radical *littera*, cujo significado é arte de escrever. A tentativa de definir a literatura não parte apenas de um estudo sobre o radical, que forma a palavra, mas sim da necessidade de iniciar esse texto provocando uma discussão sobre como uma palavra, que significa arte de escrever, possa ser ensinada. As artes como a pintura, a escultura, a arquitetura, a música podem ser ensinadas, desde que o aluno tenha algumas habilidades desenvolvidas.

A literatura, por sua vez tende a ser uma arte, que não se detém a utilizar, sons, cores ou formas, mas sim a trabalhar com algo, que é fruto da evolução do homem, visto que o ato de escrever se constituiu uma habilidade, que é ensinada por um sistema educacional, no qual o indivíduo aprende uma língua. A escrita, portanto, é a matéria prima da literatura. Não é possível conceber a literatura sem um texto escrito, logo vem o ponto ao qual nos dirigimos com muita frequência, quando se fala no ensino de literatura: Como é possível ensinar a alguém literatura sem o texto literário?

Nos últimos anos “a literatura[...]não tem alcançado tal objetivo por uma série de problemas da escola: ênfase sobre a história da literatura em detrimento do texto literário”[...] (OLIVEIRA, 2008 p.39), demonstrando assim que há uma dissonância entre a pretensão de ensinar literatura e o seu objeto, que é o texto literário. Seria o mesmo se uma escola de pintura não ensinasse o aluno a

pintar e a apreciar a pintura, mas sim a conhecer a história de todos os pintores da humanidade. Em breve a disciplina seria mais uma forma prática de decorar uma fórmula repetitiva de nomes, datas e características. No final onde estariam os pincéis e as cores? Dissolvidos no fazer dos outros, que foram selecionados por determinados critérios, que os fizeram cânones a serem estudados. Da mesma forma o juízo crítico quanto à literatura, que se adquire com a junção do texto literário e do conhecimento da teoria sobre o objeto literário se perderam ao longo das últimas décadas no Ensino Médio, que por sua vez também contaminou o ensino de literatura nos cursos de Letras.

No caso do Ensino Médio, a preocupação com o vestibular fez com que os professores se direcionassem para um ensino mecanicista, no qual o aluno, em poucas aulas, pudesse memorizar o maior número possível de dados. Os autores e as obras deveriam ser conhecidos para que o aluno não reprovasse. Dessa forma o ensino da arte de escrever passa para um segundo plano. O mesmo aluno, que passou o Ensino Médio decorando dados, vem para os cursos de Letras e encontra um ensino, no qual ele não lê o artefato literário, pois ele não aprendeu o gosto pela leitura. Sem contato com o texto e sem sentir o prazer de lê-lo, ao acadêmico lhe são apresentados muitos teóricos, cujas análises dependem da formação em cursos de pós-graduação, que os seus professores fizeram. Assim ele se torna um leitor de um leitor e compra as leituras dos outros, sem construir a sua.

No passo seguinte, ele retorna, à sala de aula, como professor de literatura e repete as fórmulas desgastadas de ensinar autores, obras, periodização, assimilando um cânone já consagrado. Ao ex-acadêmico não foi ensinado por parte do curso de Letras a apreciar o texto literário. Não se deve ser ingênuo de acreditar, que somente a apreciação de um texto literário, sem o conhecimento da teoria seja suficiente para que alguém possa ser um conhecedor da arte da literatura. Contudo sem o texto literário não é possível iniciar um processo de aprendizagem, pois ele é a fonte primeira para qualquer análise, que busca na teoria, suportes para justificá-lo.

Deve-se sempre não perder de vista o propósito do ensino de literatura, que consiste em colocar frente a frente o aluno e o texto, a fim de que em primeiro momento ele possa delimitar a estrutura do texto e como cada trecho tem relação com o todo e com o contexto ao qual se quer dar maior ênfase. Por isso se é o contexto das diferentes formas de abordar o tema, o professor deve demonstrar ao longo do texto, em quais partes, o tema é retomado. Ninguém escreve sem um objetivo definido, logo não há escritor, que não trace um perfil daquilo que ele pretende abordar. E ao longo do texto, ele vai deixando marcas bem claras.

E como juntar a teoria com o texto literário. Tomemos a questão do tema, que ao longo de um determinado texto vai aparecendo e se repetindo na fala dos personagens, na descrição do local, e nas digressões do narrador. Utilizam-se como teoria duas vertentes: uma de cunho histórico social, que localize o texto em um determinado tempo e outra que demonstre os desdobramentos desse

texto ao longo de sua vida literária. Para tanto três textos podem ser tomados: o texto literário, um texto teórico de cunho sócio histórico e um terceiro da fortuna crítica referente ao texto literário. A tendência é que no cruzamento desses três textos, seja possível ao aluno perceber, que o tema, que ao longo da leitura, o professor foi apontando também está presente nas observações de teóricos. Dessa forma o ato de ensinar a arte de escrever passa pelo ato de ensinar a arte de ler não só decifrando os códigos, mas decifrando as formas de estruturar um segundo sistema, o tecido do texto e os desdobramentos possíveis das leituras.

3 A divulgação da leitura

A literatura sendo um motivo para o ensino é um processo, no qual o objeto literatura necessitou ao longo da história letrada da humanidade de definições e divisões os textos, que eram sagrados e os profanos. Dessa forma entre os autores cristãos do século XVI, como Cassiano e S. Jerônimo houve uma distinção entre “literatura” – corpus de textos pagãos e “escritura”, referente a textos sagrados. A divisão, que eleva o *status* da literatura como sendo portadora dos textos pagãos, também a relega ao âmbito do humano e não do divino. E para atingir o divino, a arte de escrever se tornou uma propriedade dos homens. Os mesmos cuidaram e descuidaram dela ao longo da história da escrita.

Várias formas de divulgar os textos literários foram promovidas pelos detentores da escrita. Uma delas consistiu em estudar a natureza e a função da literatura. A literatura além de ter uma natureza, ela também tem função, ou melhor funções: a “estética[arte da palavra e expressão do belo], lúdica[provocar um prazer], cognitiva[forma de conhecimento de uma realidade], catártica[purificação dos sentimentos] e pragmática[pregação de uma ideologia]”(D’ONOFRIO, 2002, p.23) delimitam o gosto pela leitura, pois cada leitor passa a procurar arte de escrever pelo viés, que mais o agrada.

Assim a literatura tanto pode ser uma forma de prazer como de reencontro do “eu” do leitor com a realidade. O “eu” encontra caminho até o exterior por meio do texto literário. De outra forma a literatura pode ser vista como uma arma de combate quando ela se torna uma forma de conhecer a realidade por meio das ideologias, que perpassam o texto. A literatura só pode ser vista por meio de suas funções se houver a divulgação da leitura. A divulgação da leitura ganhou ênfase, na modernidade, quando o livro passou a ser divulgado como uma mercadoria.

Meyer(1996,p.294) diz que os livros, no século XIX eram encadernados e apresentados em exemplares bem cuidados, que eram disponibilizados nas livrarias, que continham Gabinetes de Leitura, aos quais as pessoas se dirigiam para lê-los. O propósito de colocar os livros em formato de uma mercadoria vistosa tende a torná-lo um objeto de consumo, que necessita de um lugar especial

para lê-lo. Todo o ambiente e a mística, que envolvia aquele objeto de desejo fazia com que o livro, embora chegando a poucos, ele adquire uma posição de destaque na vida das pessoas. Elas são levadas a querer dominar o universo da leitura para poder fazer parte daquele círculo, no qual o livro estava no centro.

A leitura, que antes, ficava restrita a poucos passa a se expandir e a divulgação dos romances, que são publicados primeiro no rodapé dos jornais, nos chamados folhetins, se dirige aos poucos para as livrarias. Divulgar a leitura sempre foi o intuito de editoras, de livrarias, de escritores e de editores. A máquina produtiva sempre esteve na esteira de fazer com que o público lesse cada vez mais. Nem sempre conseguindo que a leitura chegasse a todas as pessoas, pois nem todos são bons leitores. E como fazer para divulgar mais a leitura?

Não existe paradoxo mais interessante do que o da divulgação da leitura, pois nem sempre quando há uma força em fazer com que o público leia, ela ocorre. Muitas vezes e em muitos países, quando a leitura é proibida, há o maior interesse das pessoas em ler determinados textos. Por outro lado quando ela é muito divulgada e em um tempo curto, não dando espaço para que o leitor assimile e discuta o texto literário, os livros acabam passando despercebidos da maioria do público.

Um dos exemplos que vem ocorrendo nas últimas décadas, consiste no fato de que os livros embora disponíveis não são mais discutidos pelos pares, nem muito menos pelo grande público. Em geral, alguns críticos expõem umas resenhas, dizem que é bom o livro e ele vende uma determinada quantidade. Se ele agrada ao público ou se dele resultar numa série televisiva de sucesso, os livros em geral são vítimas do *free download*. A liberdade da leitura tem feito os direitos autorais não serem respeitados, pois quando um livro é muito procurado, ocorre a digitalização, que tira o livro do papel e o joga na rede (*WEB*), onde ele é disponibilizado. Grupos de digitalizados fornecem esses livros, sendo que fica quase impossível aos órgãos fiscalizadores saberem quem divulgou em primeira mão determinadas obras.

A divulgação dos livros, em específico de romances, contos, crônicas e poemas, nunca foi tão expandida como, na atualidade, visto que os livros, principalmente, os clássicos estão disponíveis em bibliotecas e estantes. Há sites legalizados que disponibilizam até 70% dos livros. Ler se tornou uma das coisas mais democráticas do mundo. De qualquer lugar do mundo, há a possibilidade de acesso à leitura. Sempre há um porém, e no caso da leitura, o *porém* se detém no fato de que os alunos não estão lendo. Um livro, quando precisa ser ido mais parece um castigo. Os resumos e comentários são visitados até por estudantes de Letras, que não buscam ler os romances, mas encontrar um caminho para burlar a leitura. Não estariam os alunos procurando o lado mais fácil, pois a propaganda sobre o livro está fraca.

Sim a propaganda, pois afinal, em tempos de publicidade para tudo, o professor não faz propaganda do seu material de trabalho, visto que os gêneros literários não são discutidos em sala de aula. Trechos de romances, contos, poemas e peças teatrais não são lidos, logo não há a divulgação. Não saímos mais com uma lamparina à procura de um homem, que queira ler um livro, que queira discutir um romance, que encontre inspiração num poema e que possa viver a catarse por meio de uma peça de teatro. Pobres dos homens, que perderam o sabor do saber ler.

4 O despertar para a leitura

Ler um livro não é apenas decodificar as palavras, mas incorporar a linguagem daquele texto à vida, que se devolve ao longo da história da leitura, que vamos construindo nos anos em que vivemos. Nunca uma leitura está pronta e o revisitar textos nos dá uma dimensão nova a nossas vidas. Muitas vezes não lembramos do último livro que lemos, mas lembramos claramente do livro que lemos na infância. São as memórias armazenadas, que têm cheiro e sabor e que vão constituindo o despertar para a leitura.

Se bem dizia Pe. Vieira, que para a conversão de um cristão havia três fatores: Deus, a fé e o pregador. O despertar de uma criança para a leitura depende de dois fatores: o mestre em busca de um ouvinte e o texto, que atraia o leitor. Se um texto não pega o leitor, ainda em tenra idade, nunca ele sentirá o livro como parte de sua vida. Bem como também será impossível para este leitor encontrar afinidade com algo ao qual ele não foi apresentado. Ler para Marisa Lajolo significa um processo de digerir o texto, pois ao terminar um livro ela diz: “ fico com vontade de dividi-lo com os amigos. Recomendar a leitura, emprestar, dar de presente. Mas sobretudo discutir.” (2004,p.14)

O ato de discutir um romance significa estendê-lo além dos limites entre o início e o fim da narrativa, pois o texto se refaz por meio da linguagem do leitor. O desdobramento dos fatos e da ideologia presentes no texto literário se dá não mais pelo prazer do texto, que levou o leitor a terminar o romance, mas sim por meio do prazer da fruição, que segundo Barthes (1999, p. 31,32) é “ com escritor da fruição(e seu leitor)[que] começa o texto insustentável, o texto impossível” sobre o qual não se pode falar, visto que ele se desfaz ao longo da leitura. A única forma de remeter-se a ele é adentrar ao espaço criado pelo leitor ao discuti-lo com outros, num processo de plágio, que cria um novo texto a partir da apreciação da narrativa e de todas as estruturas, que o compõem.

Para Jouve (2002, p.19) “o charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita.[...]As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.” (2002, p.19), que faz com que o leitor se aproxime ou distancie da produção de um autor. Se por um lado o prazer do texto se obtém em primeiro momento pela leitura de um texto,

por outro, quando um texto é discutido, ocorre à fruição do texto. Fluir um texto passa pelo prazer de discuti-lo.

Consideramos, que a leitura, que muitas vezes não é operacionalizada em sala de aula, só pode ser construída por meio da afetividade. A afetividade, em sala de aula, pode ser despertada quando é possível apresentar e discutir um livro. O professor, enquanto leitor, precisa gostar de ler e discutir o texto. Apresentá-lo com afetividade não significa aumentar o grau emotivo sobre um texto e diminuir a crítica, pois tudo que é falso, tende a ruir. Dessa forma, mesmo que o texto não seja interessante ou seja uma leitura, que não agradou ao professor, ele deve ser discutido, tendo como argumento outras vozes, que antes do professor e dos alunos, leram-no.

A leitura, em sala de aula, deve estar aberta a novos autores, pois não existe leitura legítima ou ilegítima. A legitimação da leitura passa por um processo de aceitação educacional e social. Visto que um determinado autor somente passa a ser estudado e a fazer parte do cânone depois que ele é sacramentado. O cânone literário brasileiro, ao qual, o ensino está apegado, há muito foi revisitado por estudos, que demonstram que autores até então não lidos, em determinado período, conseguiram ser mais profundos nas características daquela escola literária do que os consagrados. Um dos casos é o da poetisa Francisca Júlia, que teve seus livros divulgados, nas escolas de São Paulo no início do século XX, mas não figurou entre os nomes dos poetas parnasianos brasileiros. Somente, nos últimos anos do mesmo século, que seu nome começou a aparecer em algumas obras sobre a História da Literatura Brasileira.

O despertar da leitura cabe, portanto a um ato de generosidade pelo qual as impressões de leitura devem ser partilhadas no laboratório de leitura chamado sala de aula. O aluno, que não vê seu professor ler e discutir o que foi lido, jamais abstrai afetivamente o gosto pela leitura. Por mais que se diga que a leitura começa em casa, que crianças, que não são estimuladas desde a tenra idade não são bons leitores, de nada vale os pais incentivarem a leitura, se o professor não planejar um tempo para a leitura em sala de aula.

A leitura, em sala de aula, deve ser planejada, da mesma forma que se planejam as atividades relativas ao conteúdo. Não é somente colocar, no planejamento, leitura silenciosa ou leitura em voz alta de contos, crônicas e poemas. O espaço da leitura deve estar demarcado com tempo para a leitura do início de um romance e depois demonstrar e aguçar a afetividade do aluno, demonstrando com o narrador, nas primeiras linhas apresenta o seu estilo e distribui marcas de textualidade, que irão ser desenvolvidas ao longo do texto. Um exemplo seria as primeiras linhas do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Naquelas linhas está a essência do Major Quaresma, seu comportamento metódico ao comprar sempre as mesmas coisas e sair do

trabalho em determinada hora. É esse mesmo personagem, que ao longo do romance irá discutir sacralizando e dessacralizando os discursos sobre a brasilidade. Da mesma forma que Quaresma é demarcado pelo narrador, as memórias de leitura marcam a história da leitura, que o aluno constrói a cada novo texto, que é discutido em sala de aula.

5 Literatura e leitura

Ao despertar um aluno para a leitura, estamos ensinando-o a base da literatura, pois o conhecimento literário, seja ele teórico, histórico, ideológico e crítico, passa pelo processo de leitura. É na obra literária, que se manifestam todas as possibilidades de estudar a arte de escrever como forma representativa da passagem dos homens sobre a Terra. Não se deve perder de vista, que o texto literário também comporta um formato, no qual ele é escrito.

Dentro do que foi visto até agora, não se deve conceber a literatura como mais uma disciplina a ser estudada no Ensino Médio e um trampolim para a universidade. A literatura está embutida em todo processo de leitura. Ao lermos e discutirmos o que lemos, declamarmos trechos de poemas ou interpretarmos uma peça de teatro, nós estamos fazendo um exercício literário.

Da mesma forma, quando reinterpretemos um texto por meio de uma discussão da leitura transformamos as impressões em uma experiência vivida. A literatura, enquanto arte de escrever e diga-se arte de interpretar a vida, ocupa um

lugar privilegiado em que a experiência “vivida” e a contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a “verdade” e sim a “validade” de uma interpretação profunda da realidade tornada em experiência. Na fruição da obra de arte literária podemos assimilar tal interpretação com prazer (vivendo-a e contemplando-a criticamente), mesmo no caso de ela, no campo da vida real, se nos afigurar avessa às nossas convicções e tendências. (ROSENFELD, 1976, p.54)

Sendo, pois a literatura um lugar privilegiado, no qual a fruição da obra de arte literária ocorre e o gosto pela leitura pode ser desenvolvido por meio da afetividade da leitura, poder-se-ia dizer que o leitor assimila o texto lido e não consegue discernir a obra de arte da realidade vivida, assumindo o artefato literário como verdade.

Talvez seja possível ao leitor de primeira leitura a postura de interpretar o texto com prazer, que o leve a conceber o artefato literário como uma mensagem verdadeira e não um processo de verossimilhança. Com o decorrer das leituras e da constituição da história da leitura por meio das

discussões sobre os livros lidos, o critério de verdade passa a ser substituído pela validade da leitura, pois o valor da leitura só se manifesta pela contemplação crítica.

A leitura pode ser considerada como o elemento articulatório da literatura, visto que todos os mecanismos desenvolvidos pela leitura aproximam o leitor da arte de escrever, seja pela produção, recepção e reprodução dos textos. Na reprodução do texto, o leitor deixa de ser um receptor textual e passa a desdobrar pela fruição o texto lido. O desdobramento do texto garante a validade do mesmo, visto que um texto só se perpetua e passa a responder como artefato da literatura, quando ele é reproduzido por meio das discussões entre os leitores. A leitura, que se operacionaliza por um processo cognitivo, afetivo e ideológico determina o grau literário de cada texto. E o texto por sua vez se estabelece, enquanto parte de um sistema literário, quando, num determinado período histórico, há três fatores preponderantes

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 1981, p.23)

Para que um sistema literário se estabeleça e se distinga de manifestação literária, além dos três fatores deve haver a continuidade de produções de um escritor ou de um grupo de escritores. A continuidade desse grupo de escritores depende de um público capaz de efetuar uma leitura diversificada do texto. Pela diversidade de interpretação e posturas de leituras é possível dizer que haja um sistema literário, que seja aceito por uma sociedade.

A relação entre a leitura e a literatura se estabelece, num processo circular, pelo qual os leitores, os escritores e a obra estabelecem o que Candido (1981) chama de comunicação inter-humana, denominada de literatura. É, no âmbito das relações inter-humanas, por intermédio da reprodução das leituras, que uma obra é discutida e vivenciada pelos leitores.

6 Considerações Finais

Falar sobre o ensino literatura passa pela reflexão do que seja o conceito de literatura e a forma como o ensino da mesma está sendo processado nos Ensino Médio e nos cursos de Letras. Ensinar a arte das palavras pressupõe o uso do texto literário, envolvendo outros textos de

fundamentação teórica e da fortuna crítica, que circunda cada uma das obras, as quais o professor coloca para a apreciação dos alunos. Tanto no Ensino Médio quando no Universitário é possível ao professor utilizar tanto trechos das obras, quanto outros textos, que o suportem. É importante, que professores desses dois níveis estejam abertos a discussão e a referências teóricas, que muitas vezes não fazem parte dos textos, que eles estudaram em cursos de pós-graduação. As leituras da fortuna crítica e de fundamentação teórica consistem numa forma de alicerçar o texto literário e ao mesmo tempo divulgam os materiais necessários para que o texto demonstre a sua continuidade dentro da literatura.

Divulgar a leitura talvez seja o ponto mais importante para a era da democracia da *WEB*, pois é possível perceber, que embora o livro seja de fácil acesso, a mística de ler um livro, de procurá-lo como um objeto de consumo e desejo tem sido substituída pela fala dos outros, dos resumos e dos comentários, que distanciam cada vez mais os leitores dos livros. Não seria a questão de que os responsáveis pela divulgação dos livros estejam se furtando a fazer isso. Divulgar o texto literário passa pelo viés da leitura desses em sala de aula, da exposição de trechos desses em blogs, os quais os alunos possam visitar. Na maioria das vezes, os professores deixam de criar um mecanismo de divulgação para que seus alunos se sintam aguçados em lerem e compararem as obras deixando essa atribuição a muitos sites, que banalizam os livros, não lhes dando o real valor enquanto patrimônio literário.

O despertar para a leitura deve ser desenvolvido pela escola, visto que é o professor, quem divulga a obra de arte, o autor e assim a literatura. Nunca se deve perder de vista essa função da escola. Ela é detentora da leitura e portanto não deve deixar para que outros veículos possam cativar os seus alunos. Não adianta dizer que os alunos não leem. O ideal é perguntar se os professores leem. Não só as obras, mas toda a teoria e a fortuna crítica, que rodeiam um texto literário. Ninguém pode ser detentor de todo o saber, mas podemos deter um conjunto de saberes, que nos farão diferentes dos outros.

7 Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5.ed. São Paulo; Perspectiva, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira - Momentos Decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

FRANCISCA JÚLIA DA SILVA. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisca_J%C3%BAlia_da_Silva.

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JOUVE, Vicent. A leitura. 1.ed São Paulo: UNESP, 2002.

MEYER, Marlyse. **Folhetin: uma história**. 1.ed São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. *In* SANTOS, Josalba Fabiana; OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **Literatura & Ensino**. 1.ed Maceió: EDUFAL, 2008.

ROSENFELD, Anatol. **Estrutura e Problemas da Obra Literária**. São Paulo: Perspectiva, 1976.